



ESPAÇOS DA MEMÓRIA E DO ESQUECIMENTO

Carlaile José Rodrigues Souza
carlailerodrigues@gmail.com
Mestrando em Estudos Contemporâneos das Artes
Universidade Federal Fluminense (UFF)

ISSN 2316-6479

Resumo

O artigo é uma análise poética de espaços das cidades de Vila Velha e Vitória, no Espírito Santo, e que estão em processo de destruição. A proposta visa estimular a percepção visual e possibilitar o reconhecimento dos meios nos quais o ser humano e esses elementos estão sujeitos.

Palavras-chave: Espaços – Linguagem não-verbal - Percepção - Destruição

Abstract

The article is an analysis of poetic spaces of the cities of Vila Velha and Vitória, Espírito Santo, and that are in the process of destruction. The idea is to stimulate visual perception and recognition of the possible ways in which humans and these elements are subject.


Keywords: Spaces - Non-verbal language - Perception - Destruction

Espaços que se comunicam

O ser humano vive em sociedade. Não existe outra maneira de começar a descrever os processos sociais que envolvem o sujeito. Desta forma, sociedade é o local onde são estabelecidas e organizadas as relações que determinam a vida do indivíduo. Essas ligações estão aliadas a tudo o que ele faz e que é parte do convívio dele. Família, trabalho, amizade, diversão, prazer, sexo, status, sucesso, decadência, crença, submissão, amor, ódio. Organismos e sentimentos que são inerentes à condição de vida do ser humano. Nesse ínterim, é possível apontar que as cidades são os meios dentre os quais essas atividades e características operam. O envolvimento que mantém a interação entre os indivíduos se dá por meio dos locais nos quais eles convivem, ou seja, nas cidades e nos espaços que frequentam e habitam.

Este artigo propõem investigar imagens de espaços em destruição e esquecimento de Vila Velha e Vitória, no Espírito Santo, e a relação que existe entre o ser humano e o meio citadino. A proposta é permitir que o olhar e as interpretações sejam feitas como se fossem relatos de qualquer um. Pessoas que andam pelas ruas, observadores dos elementos espaciais. Desnudar conceitos e observar com o aval de possibilidades de deduções. Como se esses espaços fizessem parte efetivamente da vida do ser humano e demonstrassem

MONTEIRO, R. H. e ROCHA, C. (Orgs.). Anais do V Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual
Goânia-GO: UFG, FAV, 2012



implicitamente as mudanças pelas quais ele está sujeito. O esquecimento, a deterioração, a falta de tempo, acuidade e percepção.


A dificuldade em analisar imagens de uma cidade está em indicar os elementos como parte integrante do meio, mesmo que pareçam inóspitos e, aparentemente, sem sentido. A caracterização não é baseada simplesmente por eles existirem, mas porque também apresentam uma comunicação e linguagem que podem ser utilizadas para compreender um pouco da história desses espaços e da organização histórica e atual das cidades. Segundo Harvey (apud BARTHES, 1992, p.69-70), “[...] a cidade é um discurso e esse discurso é na verdade uma linguagem”.

Como se apresenta por meio da linguagem não-verbal, a leitura das imagens nas cidades é feita basicamente pela percepção, interpretação e pelo contexto no qual ela é mostrada. Ferrara (2002) descreve a forma do discurso e as possibilidades de significados dos elementos nas cidades.

A cidade enquanto texto não-verbal é uma fonte informacional rica em estímulos criados por uma forma industrial de vida e de percepção. O movimento, a máquina, o automóvel, o trabalho mecanizado e especializado, a fábrica, o escritório, o salário, o transporte coletivo, o espaço exíguo da habitação, a mulher que trabalha, a dupla jornada de trabalho, a atividade doméstica mecanizada como elementos incorporados à vida urbana e que geram uma forma adequada de percepção: veloz, simultânea, anti-temporal e antilinear, uma forma onde a fragmentação perceptiva é um padrão. (FERRARA, 2002, p.19-20)

As cidades são caracterizadas pelos espaços. Existem várias formas de reconhecimento, feitas por meio de aspectos geográficos, sociais e arquitetônicos. Favelas, cortiços, edifícios, subúrbios, museus, teatros, centros urbanos comerciais são compostos por elementos e pessoas que têm estilos de vida, conceitos culturais e linguagens divergentes. É como se cada local fosse e fizesse parte de “pequenos universos particulares” do cidadão. À primeira vista se tem a possibilidade de deduzir - não determinar - tipos de indivíduos que fazem parte de cada um desses universos.

Mesmo que não sejam percebidos, os espaços e outros elementos dão formas e nuances às cidades, embora boa parte tenha se tornado “clandestina” e não pertencente ao conjunto social. As construções abandonadas, monumentos em pedaços ou equipamentos fora de uso não foram constituídos com o intuito de se integrarem à estética das cidades, pois não foram criados para que a deterioração se incorporasse ao projeto urbanístico. Os elementos só permaneceram nos locais. Foram sobrepujados pelo processo de evolução e se tornaram peças dessa consequência. Peixoto (2004) demonstra que essa perspectiva cidadina torna o olhar disperso.



Situações urbanas erodidas a tal ponto que ali só existe um vazio. Os viadutos, autopistas, estacionamentos, canteiro de obras, tubulações expostas e conjuntos residenciais populares são os monumentos das grandes extensões urbanas devastadas contemporâneas. Esses locais parecem cheios de buracos, comparados com as cidades tradicionais, mais compactas e sólidas. São lacunas monumentais que guardam os vestígios de futuros abandonados, mapas de uma infinita desintegração. Esses lugares são não-lugares, um abismo, rasgando a cidade, criando múltiplos significados e incompletos pontos de vista. Nessa terra de ninguém desaparecem os contornos, as fronteiras entre locais espalhados num continuum indiferenciado e infinito. Paisagens urbanas bem no meio da cidade, deslocando continuamente nossa percepção. (PEIXOTO, 2004, p.400)

ISSN 2316-6479

Sem ir de contraponto ao estudo de imagens do “espaço feliz” feitas por Bachelard em seu livro “A poética do espaço”, as análises das imagens propostas neste artigo serão baseadas sob o aspecto decadente, ou para contrastar com a citação do filósofo, imagens de “espaços tristes”. Bachelard (1974) definiu como “espaços do ódio e do combate” o oposto ao “espaço feliz”. Segundo ele, é impossível estudar os espaços do ódio e do combate senão referindo-se a matérias ardentes, às imagens de apocalipse. O autor completa que a preocupação dele era estudar as “imagens que atraem”. Sem soar apocalíptico, a definição utilizada aqui será somente “espaços tristes”. Coisas que estão em constante processo de destruição e esquecimento, como fragmentos de reminiscência que ligam às sensações e sentimentos do ser humano.

Merleau-Ponty (1999) enfatiza que a análise dos espaços também depende da sensibilidade do indivíduo. Assim, a constatação mostra a possibilidade de interpretação dos espaços, sejam eles “alegres” ou “tristes”.

[...] Mesmo se existe uma percepção daquilo que é desejado pelo desejo, amado pelo amor, odiado pelo ódio, ela sempre se forma em torno de um núcleo sensível, por mais exíguo que ele seja, e é no sensível que ele encontra sua verificação e plenitude. Dissemos que o espaço é existencial; poderíamos dizer da mesma maneira que a existência é espacial, quer dizer, que por uma necessidade interior ela se abre a um “fora”, a tal ponto que se pode falar de um espaço mental e de um “mundo das significações” e dos objetos de pensamento que nelas se constituem. (MERLEAU-PONTY, 1999, p.394)

A intenção das análises neste texto é cooptar aspectos desses espaços, considerados reatores de uma imaginação triste ou negativa, e “arrancar” uma constância positiva. Assim, as características do “espaço feliz” demonstradas por Bachelard serão mostradas por meio de imagens de espaços considerados “tristes”.

Neste artigo propomos analisar alguns elementos que estão espalhados pelas cidades e demonstrados neste artigo: a ponte, a fábrica, a torre, um antigo cinema e um teatro. É pertinente salientar que existem outros componentes que também são demonstrativos em referência ao espaço, mas que não serão explorados no texto.

A ponte é o exemplo clássico de objeto de união entre as pessoas. É o mecanismo que une os espaços, liga os mundos que pareciam intransponíveis. Laços são estabelecidos e as de interação são cada vez mais imprescindíveis. As estruturas precisam ser sólidas para mantê-la erguida, assim como as relações entre os indivíduos. É o fulcro dos relacionamentos. Com a ponte, o ser humano transpõe os dois lados. Ele presencia as formas de organização de ambos os locais. “Mudando de espaço, deixando o espaço das sensibilidades comuns, entramos em comunicação com um espaço psiquicamente inovador” (BACHELARD, 1974, p.489).



Imagem 1: Ponte – Foto: Carlaile Rodrigues

Se os muros separam e segregam, as pontes ligam. Elas perpassam por cima de algo que guarda o desconhecido – mar, rio, lago -, e abrigam pessoas nas cidades. É o espaço que supera, mas também a dialética da decadência - “uma família que não tem onde morar vai para debaixo da ponte” - que esconde as amálgamas sociais.

A aproximação entre os indivíduos é possibilitada por meio da ponte, contudo, é onde ele trabalha que a interação é mais evidente. O espaço de trabalho é o local no qual ele passa boa parte do tempo. Neste caso, a fábrica é um desses elementos.



Imagem 2: Fábrica – Foto: Carlaile Rodrigues

É no espaço de trabalho que o ser humano mantém contato com outras pessoas, que se tornam parte da vida dele. Essa relação é mais pela convivência do que pela essencialidade. A fábrica é o local onde ele se sufoca com a atividade laboral, se exalta pela capacidade profissional, alimenta a ambição e no qual grande parte de suas lembranças ficam preservadas. Sensações como o prazer por conseguir o que deseja por meio do esforço pessoal, o pesar pela falta de tempo para cuidar da família, a lamentação pelas chances profissionais desperdiçadas, a ansiedade pela diversão com os amigos no final de uma sexta-feira e até mesmo o sonho realizado. Na fábrica o ser humano precisa manter contato com outros sujeitos. Ele depende do parceiro de trabalho para conseguir o êxito da atividade. Benjamin (1991) destaca que a aproximação dos sujeitos na sociedade em geral possibilitou novas formas de relação entre os seres humanos.

[...] O desenvolvimento das grandes cidades era, por sua vez, consequência óbvia do processo de industrialização capitalista, no qual muitas pessoas passaram a ficar concentradas num pequeno espaço de produção. Isso levou ao surgimento de novas maneiras de viver, sentir e perceber, havendo como que uma evolução histórica dos sentidos. (BENJAMIN, 1991, p.11)

A ponte aproxima e possibilita o contato. A fábrica interage e constrói laços. A torre é onipotente, ostenta, traz a menção do topo, do auge desejável. Porém, apesar de fazer menção à altura, a definição não é voltada somente pelo conceito de baixo = ruim e alto = bom. Nas cidades, por exemplo, essa caracterização é unilateral. Em alguns locais, como em edifícios, estar no alto significa privilégio, status, visibilidade. É uma boa condição. Já em favelas e morros as definições, geralmente, têm teor pejorativo. Tanto faz se as casas estiverem em baixo ou no alto. A diferenciação é pouca. Morar em favelas, muitas vezes, é visto como uma situação ruim, independente da altura que a casa esteja.



Imagem 3: Torre lateral - Foto: Carlaile Rodrigues

O conceito de torre também já foi mostrado de várias formas na história da civilização, cada qual com um significado. Na Bíblia, por exemplo, a Torre de Babel descreve a confusão das línguas. Em histórias infantis, o elemento abrigava princesas que precisavam ser salvas - “Rapunzel” -, e eram os objetos de desejo. Contudo, também ocultavam personagens sombrios – “Quasímodo - O Corcunda de Notre Dame”, que se escondia devido à sua aparência horrível. As torres abrigam o sonho, a compensação, o pavor e a solidão. Representam segurança material e espiritual, mas também o abandono e a reclusão. Merleau-Ponty (1999, p.338) faz menção aos mecanismos de ligação dos espaços e sujeito. De acordo com ele, “[...] tudo nos reenvia às relações orgânicas entre o sujeito e o espaço, a esse poder do sujeito sobre seu mundo que é a origem do espaço”.

A junção desses três elementos apontados retrata o intermediário das ações, o caminho (ponte); o ato recíproco das relações sociais, o encontro, a busca por ideais (fábrica); a conquista, realização, soberania e o temerário (torre).

Percepção dos elementos das cidades

Perceber os espaços exige a aplicação do olhar de forma mais detalhada sobre as características inerentes dos objetos. A análise das imagens pode ser feita de forma simples, com a atenção voltada para outros aspectos que não sejam os vistos à primeira vista. Ou seja, o foco do olhar baseado em outra perspectiva para que sejam feitas leituras diferentes. Segundo Aumont (1995, p.38) “[...] a percepção do espaço, no dia-a-dia, nunca será apenas visual”.

Um espaço não é formado somente pelo que é exposto rudemente. O olhar, geralmente, é direcionado ao que é apresentado primeiramente. No entanto, existem outros fatores que se juntam, completam e dão significados ao

elemento. “O espaço está “vazio” e todavia todos os objetos de percepção estão ali” (MERLEAU-PONTY, 1999, p.379). Assim, tudo é objeto da percepção.

Uma observação mais detalhada coloca em xeque a condição em que os espaços se encontram. O foco pode se voltar em analisar a forma como foram suplantados e estão predispostos a qualificações valorativas ou tendenciosas. A intenção da percepção sob o ponto de vista da observação mais apurada sugere uma alternativa para que seja refletida uma reformulação dos elementos nas cidades. Entretanto, só a percepção e o estímulo da compreensão dos espaços não devem dar conta de provocar uma reação que possibilite pensar na cidade como um organismo que forneça uma forma de comunicação e identificação entre o sujeito e os elementos dispostos. Assim, é preciso utilizar outros meios, como a subjetividade de pensamentos, a imaginação, a memória e os sentimentos.

Destacaremos outro exemplo encontrado pelas ruas da cidade: o antigo Cine Santa Cecília, em Vitória, hoje uma das sedes da Igreja Universal do Reino de Deus. Antigamente, o espaço exibia filmes eróticos e atraía pessoas ávidas por aventuras sexuais. Após anos de fracas bilheterias e devido ao avanço dos centros urbanos, o local agora é a “casa” onde se busca a “conversão”. São duas concepções distintas

retratadas, com objetivos divergentes e que em parte se assemelham. Ironicamente, ambos “trazem” e “oferecem” a libertação. O desprendimento moral de um lado, a redenção espiritual de outro. Nos dois locais é preciso pagar para assistir a um espetáculo.

A transição de valores e conceitos é outro fator. O que

era “mal” agora é “bom”; o pecaminoso é substituído pelo puritano; o local de pessoas “promíscuas”, agora é o reduto de sujeitos recatados. Embora seja uma consequência não-planejada e adotada por conveniência, nos espaços relacionados o baixo - em alusão ao inferno - representa a “melhor opção”, enquanto o que está em cima - em analogia ao paraíso - se encontra em um universo de abandono. Assim, fica a premissa sobre o que é mais importante: cultura ou salvação? Desprendimento de valores ou preservação de dogmas? Pessoas que traçam o “caminho perdido” ou a recompensa divina? Mesmo assim é possível ver que o prédio decrépito guarda as marcas de um passado que não



Imagem 4: Cine Santa Cecília - Foto: Carlaile Rodrigues

preservou a história dele nem das pessoas que frequentaram o local e tiveram os primeiros contatos com o universo da libido. Benjamin (1991) cita o instante perigo e a suposta ameaça aos agentes envolvidos no processo. Segundo ele,

Articular historicamente algo passado não significa reconhecê-lo “como ele efetivamente foi”. Significa captar uma lembrança como ela fulgura num instante de perigo. Para o materialista histórico, trata-se de fixar uma imagem do passado com ela inesperadamente se articula para o sujeito histórico num instante de perigo. O perigo ameaça tanto os componentes da tradição quanto os seus receptores. Para ambos ele é um só: sujeitar-se a ser um instrumento da classe dominante. A cada época é preciso sempre de novo tentar o que foi transmitido do conformismo que ameaça subjugar-lo. (BENJAMIN, 1991, p.157)

Apesar de os espaços serem fundamentais para a formação de uma cidade e terem a história deles relacionada ao sujeito, o ponto representativo é que eles estão ligados aos sentimentos preservados na memória do ser humano. São como detentores de lembranças, embora sua existência esteja comprometida pela sedimentação do tempo e avanços do mundo moderno. De acordo com Harvey (1992),

O impulso de preservar o passado é parte do impulso de preservar o eu. Sem saber onde estivemos, é difícil saber para onde estamos indo. O passado é o fundamento da identidade individual e coletiva; objetos do passado são a fonte da significação como símbolos culturais. (HARVEY, 1992, p.85)


A evolução das cidades traz a deterioração e o esquecimento de alguns espaços que foram relegados pela história e o indivíduo. Como um velho e onipresente Teatro Glória¹ que, durante um tempo, foi só um mero objeto estético. A majestosa construção fazia parte de uma cidade que encenava a existência



Imagem 5: Teatro Glória à deriva - Foto: Carlaile Rodrigues

dele. Uma peça coadjuvante. Um organismo que estimula pensamentos e, por vezes, amortiza uma cultura que não compartilha da plenitude do espaço. Que se transforma em um alojamento de memórias das pessoas que passaram pelo local. O objeto, com sua estrutura rudimentar, dimensional e desenvoltura grandiloquente parecia estar à deriva. Um

1 Após anos, o Teatro Glória começou a ser reformado.



complemento disperso na arquitetura urbanística. Fim do indício de uma época e início do período moderno. De um tempo em que a preocupação não estava em construir os espaços com estacionamentos que abrigassem inúmeros carros. O teatro ainda existe, mas parte da Glória se deteriorou e o espaço estava sucumbido pelo tempo e que resta, agora, a esperança de renovação.

[...] A memória é fundada pouco a pouco na passagem contínua de um instante no outro e no encaixe de cada um, como todo o seu horizonte, na espessura do instante seguinte. A mesma transição contínua implica, na percepção que daqui tenho do objeto, o objeto tal como ele está ali, com sua grandeza “real”, tal enfim como eu o veria se estivesse do lado dele. Assim como na “conservação das recordações” não existe discussão a instituir, mas apenas uma certa maneira de olhar o tempo que torna o passado manifesto enquanto dimensão inalienável da consciência, não existe problema da distância e a distância é imediatamente visível, sob a condição de que saibamos reencontrar o presente vivo em que ela se constitui. (MERLEAU-PONTY, 2004, p.358)

Quando o espaço é destruído, boa parte que é ligada ao ser humano também se decompõe. Segundo Bachelard (1974, p.391), “[...] como lembranças têm subitamente uma viva possibilidade de ser! Julgamos o passado. Uma espécie de remorso por não ter vivido profundamente atinge a alma, surge do passado, nos faz submergir”.

Que nada é para sempre e que tudo acaba um dia é fato. O problema é quando a destruição permite certo encanto, ou como diria Sontag (apud BENJAMIN, 2004, p.91), “[...] ver uma beleza nova no que está em via de desaparecer”. Quando o envolvimento está no desaparecimento dos espaços, a consequência pode ser a contemplação dos elementos.

A destruição e a demolição, a expropriação e as rápidas mudanças do uso como resultado da especulação e da obsolescência são os sinais mais reconhecíveis da dinâmica urbana. Mas, além de tudo isso, as imagens sugerem o destino ininterrupto do indivíduo, de sua participação freqüentemente triste e difícil no destino do coletivo. Essa visão, em sua inteireza, parece estar refletida com uma qualidade de permanência em monumentos urbanos. Monumentos, signos da vontade coletiva expressa pelos princípios da arquitetura, se oferecem como elementos primários, pontos fixos na dinâmica urbana. (HARVEY apud ROSSI, 1992, p.84)

A destruição dos espaços evidencia outras questões. Alguns elementos estão no esquecimento enquanto outros ainda fazem parte do conjunto citadino. A questão lança as prerrogativas sobre a necessidade de renovação do espaço; como o local é visto pelo sujeito; se o elemento suscita reações por estar em decadência. O questionamento também se volta às consequências da falta de percepção do olhar contemporâneo. Essa reação - ou não-reação - é o tocante porque permite conferir a funcionalidade do espaço na cidade.



Referências Bibliográficas

AUMONT, Jacques. **A Imagem**. Tradução de Estela dos Santos Abreu e Cláudio C. Santoro 2.ed. Campinas: Papirus, 1995.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Victor Civita, 1974. Coleção Os Pensadores, Abril Cultural. 514p.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas I**. Magia e Técnica, arte e política. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985.

FERRARA, Lucrécia D'Aléssio. **Leitura sem palavras**. São Paulo: Ática, 2002.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PEIXOTO, Nelson Brissac. **Paisagens urbanas**. 3.ed. São Paulo: Senac São Paulo, 2004.

SONTAG, Susan. **Sobre Fotografia**. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Minicurrículo

Carlaile José Rodrigues Souza é Mestrando em Estudos Contemporâneos das Artes (2012) pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Graduado em Jornalismo (2008) pelas Faculdades Integradas São Pedro (Faesa), Espírito Santo. Seu campo de atuação, até o momento, foi voltado ao jornalismo e como professor de educação técnica. Em sua pesquisa pretende investigar alguns espaços das cidades e dialogar com autores como Bachelard, Benjamin, Baudelaire e Calvino.